



PRECISAMOS FALAR DAS MULHERES NO ESPORTE! AS QUESTÕES DE GÊNERO VISTAS A PARTIR DAS NOTÍCIAS DO ESPN W

Sergio Melo da Cunha
Carlos Vitor de Moraes Felix
Vivianne Limeira Azevedo Gomes

RESUMO

A discussão sobre a igualdade de gênero tem se intensificado cada vez mais no Brasil, imergindo também no campo esportivo, No intuito de compreender como as questões de gênero são tratadas pela mídia esportiva, a partir do estudo netnográfico, este trabalho levantou os discursos sobre o tema no esporte feminino no portal de notícias ESPN W. Logo, percebemos a pluralidade de termos que fomenta na divulgação e visibilidade de um tema tão complexo e permeado de contextos específicos.

PALAVRAS-CHAVE: *Gênero; Mídia Esportiva; Esporte.*

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a expressão igualdade de gênero tornou-se lugar-comum nas rodas de debate, independente da temática central da conversa. Sob esse título encontram-se ideias igualitárias direcionadas por um sentimento de que os valores atribuídos às mulheres devem ser os mesmos dos homens. Admitir a igualdade de gênero compreende dizer que todas e todos devem gozar dos mesmos direitos político-sociais, haja vista que, em virtude de seu sexo, as mulheres têm sofrido inúmeras restrições em diversas esferas, incluindo a esportiva.

Quando observamos o contexto nacional no qual o Brasil está inserido, logo após o Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff e da reformulação dos Ministérios pelo novo Governo sem a presença de mulheres, constatamos o péssimo cenário em que o País se encontra em relação à igualdade de gênero.

Apesar da participação feminina cada vez maior na sociedade, a desigualdade entre homens e mulheres persiste ao redor do mundo. Dados divulgados pelo Fórum Econômico Mundial a pedido da Corporação Britânica de Radiodifusão - a BBC (British Broadcasting Corporation) no ano de 2015, mostrava o Brasil em 85º lugar. No ano seguinte, o Índice Global de Desigualdade de Gênero do Brasil encontrava-se em maior decréscimo, em 107º lugar entre os 145 países listados. Ou seja, a probabilidade de participação na vida política e econômica bem como o acesso à educação e à saúde encontrava-se mais distinta entre os sexos.

Presumimos que a queda no Índice de Desigualdade de Gênero no ano de 2016, envolve motivos políticos, e mais pela conjuntura social e política vivenciada no

Brasil. Além de que sabemos que isso é um debate amplo e complexo que perpetua os movimentos sociais desde a década de 1960, com o contexto político de direitos civis, movimentos antirracista e feminista. Concomitante, se observamos a realidade esportiva do Brasil, encontraremos fatos tão desiguais quanto ao que ocorreu na política nacional.

A nossa discussão compreende a história da humanidade onde o patriarca manteve o poder nas relações humanas e sobre as instituições de forma hierarquizada e desigual. No âmbito esportivo isso não se difere, haja vista o fato da mulher brasileira, por exemplo, ter participado de uma edição de Jogos Olímpicos apenas 12 anos após a estreia masculina do país. Contudo, esse cenário vem acompanhando o crescimento social da mulher, ocasionando maior visibilidade na mídia. Uma das comprovações disto é a criação de sites/portais especializados nos esportes femininos como o Dibradoras e o ESPNW (Entertainment and Sports Programming Network Woman).

Reconhecendo o crescimento gradativo da presença da mulher no esporte, entendemos a ampliação de sua visibilidade nas diferentes mídias, como os exemplos supracitados. Diante disto, nos propomos a analisar os discursos midiáticos divulgados no ESPNW, que tem como principal característica o fato de ser um portal virtual de livre acesso, criado por mulheres jornalistas em 2016, no dia Internacional da Mulher (8 de março).

Deste modo, temos como objetivo analisar o discurso da mídia esportiva sobre as mulheres, compreendendo a maneira como o esporte feminino e as questões de gênero são tratadas em um portal de notícias destinado especificamente a elas.

2 METODOLOGIA

O trabalho utiliza-se da observação netnográfica (KOZINETS, 2014), além de apresentar abordagem qualitativa e caráter descritivo. Para alcançar o propósito desse estudo foram realizados os seguintes procedimentos: (a) levantamento de notícias da aba específica (ESPNW), presente no universo do portal ESPN entre os dias 8 de março e 1 de julho de 2016; (b) busca e quantificação de expressões-chaves que evidenciassem a discussão de gêneros, utilizando-se de um software on-line como suporte tecnológico para tal; o software nos permitiu aferir a quantidade de palavras diferentes, além da periodicidade com que essas aparecem; (c) compilamento de termos semelhantes e/ou que remetessem a mesma ideia; (d) interpretação dos dados.

3 DESCRIÇÕES, RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES

Após a execução das etapas a, b, c e d citadas anteriormente, chegamos a um universo centenário de palavras, dentre elas esportes, atletas, cidades, agremiações esportivas, competições, etc. Contudo, considerando uma perspectiva analítica centrada na discussão de gênero e visibilidade, apresentamos um gráfico que nos mostra uma parcela de termos necessária¹ na promoção da nossa discussão:

¹ Julgamos “necessária” a parcela de termos que de uma forma ou de outra incitam o debate sobre a igualdade entre os gêneros

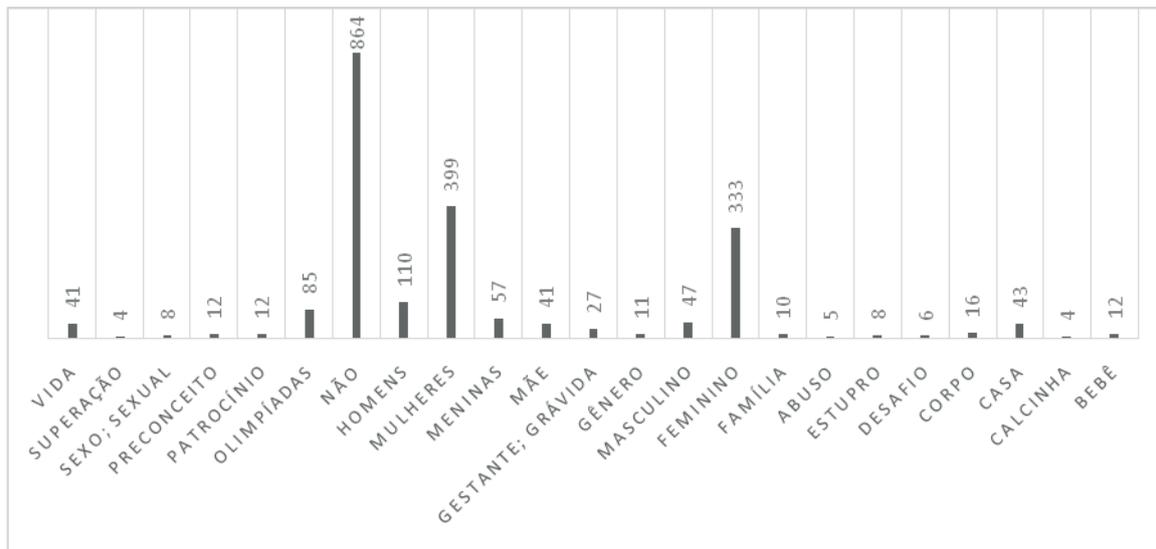


Gráfico 1 - Incidência das palavras nas notícias investigadas
Fonte: Elaborado pelos autores (2017)

Ao analisar os vocábulos apresentados, podemos dividi-los em alguns subgrupos: Primeiro, os termos comuns ao esporte (olimpíadas, patrocínio, superação, etc.); em seguida, aqueles que evidenciam as dificuldades enfrentadas pelas mulheres (casa, bebê, família, gestante/grávida, etc.); e por fim, palavras que remetem ao gênero, sejam de forma comparativa (homens e mulheres, masculino e feminino), ou de maneira preconceituosa (abuso, estupro, sexo/sexual, calcinha, etc.).

A proximidade da pesquisa com os *Jogos Olímpicos Rio 2016*² é a principal justificativa para as 85 aparições da palavra “olimpíadas”. Em sua grande maioria, o termo estava inserido de maneira positiva no contexto, exaltando a participação das mulheres na competição. A história olímpica feminina se inicia em 1900, nos jogos de Paris, competindo em apenas dois esportes, tênis e golfe.

Minayo (2003) afirma que, no âmbito do trabalho, a dominação masculina manifesta-se em diferenciações de salário, discriminações, ameaças e assédio sexual. Quando retomamos ao esporte, outro ponto se destaca: das 12 vezes em que “patrocínio” apareceu nos textos de maneira evidente, a maior parte remetia a ausência do mesmo para elas. Isso, sem levar em consideração as notícias em que questões financeiras aparecem de forma implícita, como na reportagem divulgada no portal em maio de 2016³, em que a atleta de futsal Amanda Lyssa de Oliveira, conhecida como Amandinha, de 21 anos, em que ela afirma que: “Jogo futsal para ser feliz, se fosse por dinheiro tinha voltado para casa”.

Geralmente quando se fala de determinado esporte cujo masculino é predominante sendo praticados por mulheres, como os casos do futebol e do rúgbi, tem-se a necessidade de feminilizar o discurso usando termos como “mãe” – representada simbolicamente como a responsável pela casa e em cuidar da família – e “bebê” que aparecem, respectivamente, 41 e 12 vezes nos textos, com a finalidade de evitar ou, ao menos, diminuir a estereotipagem de “machona” das atletas. Sendo esses rótulos repletos de simbolismos negativos, preconceitos estigmatizantes,

2 Os Jogos Olímpicos Rio 2016 ocorreram de 5 a 21 de agosto de 2016, pouco mais de um mês após a coleta de dados, que foi de 8 de março a 1 de julho do mesmo ano.

3 Disponível em <<http://espnw.espn.uol.com.br/jogo-futsal-para-ser-feliz-se-fosse-por-dinheiro-tinha-voltado-para-casa-diz-melhor-do-mundo/>>

como uma censura cultural pelo fato do indivíduo não condizer com aquilo que se espera dele, sendo passado de geração em geração.

Com o pensamento de que o esporte, sendo uma atividade física simbolizada por força, suor e músculos, se enquadraria como uma atividade exclusivamente masculina e, desse modo, a mulher deveria se poupar dessa provável masculinização, isto é, não teria que estar presente de maneira equiparada com o homem no mundo esportivo. Por consequência disso observamos que “homens” e “masculino” foram termos que estiveram presentes em alto percentual das notícias, aparecendo, nessa ordem, em 110 e 47 momentos, ressaltando que o portal em questão é exclusivamente de notícias relacionadas ao esporte feminino.

Goellner (2005) quando fala que:

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina (GOELLNER, 2005, p. 92).

nos leva a discussão do último subgrupo dos termos encontrados, aqueles que expõem a realidade exclusiva vivida pelas mulheres. Apesar da baixa incidência (abuso, 5 e estupro, 8 aparições), o surgimento dessas palavras levanta um debate imprescindível a cerca das dificuldades que as atletas enfrentam durante a vida esportiva, além da pessoal. Ainda sob o contexto das dificuldades, destacamos as 864 vezes em que o “não” aparece nas reportagens, sendo, em sua maioria, acompanhado de verbos que ilustram todos os obstáculos que as mulheres enfrentam em busca de seus objetivos, por exemplo, “não concilia” ou “não tem apoio”.

E por fim, ficam as perguntas: “Porque o vocábulo ‘calcinha’ aparece em algumas notícias, mesmo que apenas em quatro oportunidades?” e “Alguma notícia sobre o esporte masculino traria palavras que remetessem a sexualidade do homem?”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos questionamentos feitos anteriormente, chegamos à conclusão que, mesmo diante de um avanço inegável na visibilidade e apoio ao esporte feminino, a maneira como este é mostrado necessita progredir ainda mais. Enxergar a mulher como um símbolo sexual, sendo seu corpo mais importante que seu desempenho, seja social ou esportivo, pode ser a resposta para a presença da palavra “calcinha” nas notícias.

A imprensa digital ou impressa traz diariamente cadernos de esportes para seus leitores, os quais noticiam quase que em sua totalidade o esporte masculino (mais especificamente o futebol). É necessário que se perca o medo de divulgar as práticas femininas. A sociedade contemporânea só entenderá a importância das mulheres-atletas se estas forem mostradas em quaisquer circunstâncias, não somente em tempos olímpicos ou de resultados expressivos. Diante disto, a iniciativa do *ESPN W* deve ser levada como exemplo para os veículos midiáticos e como esperança àquelas que ambicionam, um dia, viver do esporte.

¡TENEMOS QUE HABLAR DE LAS MUJERES EN EL DEPORTE! LAS CUESTIONES DE GÉNERO VISTAS A PARTIR DE LAS NOTICIAS DE ESPN W

RESUMEN: *La discusión sobre la igualdad de género se ha intensificado cada vez más en Brasil, sumergiéndose también en el campo deportivo, con el fin de comprender cómo las cuestiones de género son tratadas por los medios de comunicación deportiva, a partir del estudio netnográfico, este trabajo levantó los discursos sobre el tema en el deporte femenino en el portal de noticias ESPN W. Luego, nos damos cuenta de la pluralidad de términos que fomenta la difusión y visibilidad de un tema tan complejo y calado en contextos específicos.*
PALABRAS CLAVE: Género; Medios de comunicación Deportiva; Deporte.

WE NEED TO SPEAK OF WOMEN IN SPORT: GENDER ISSUES VIEWS FROM THE NEWS OF THE ESPN

ABSTRACT: *The discussion on gender equality has intensified increasingly in Brazil, she also on the sporting field, In order to understand how gender issues are treated by the sports media, from nethnographic study, this work has raised the discourse on the theme in women's sports in the news portal ESPN W. Soon, we realize the plurality of terms that fosters the dissemination and visibility of a topic as complex and comprised of specific contexts.*

Parte inferior do formulário

KEYWORDS: *Gender; Sport Media; Sport.*

REFERÊNCIAS

AMARAL, A; NATAL, G.; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Revista Famecos/PUCR**, Porto Alegre, n. 35, p. 20, dezembro/2008. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/3687>> Acesso em jan, 2017.

GOELLNER, S.V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

KOZINETS, R.V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Penso, 2014.

MINAYO, M.C.S. Tendências da produção científica brasileira sobre violência e acidentes na década de 90. In: MINAYO, M.C.S.; SOUZA, E.R. (Orgs.). **Violência sob o olhar da saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.